

A PROSTITUIÇÃO EM GRANDES PROJETOS NA AMAZÔNIA: O IMPACTO DO GRANDE CAPITAL NOS FLUXOS DE MÃO DE OBRA NA UHE BELO MONTE

Augusto César Pinto Figueiredo¹
Luís Junior Costa Saraiva²

RESUMO

O presente artigo é fruto das discussões gestadas na disciplina Perspectivas Etnográficas Clássicas e Contemporâneas do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia - PPGLSA, o principal objetivo é apresentar uma visão geral da problemática que envolve a questão da prostituição atraída pela instalação do projeto hidrelétrico Belo Monte no estado do Pará. Além do presente artigo também trazer parte dos dados coletados em campo por meio de entrevistas durante os meses de Setembro de 2017 a Julho de 2018 em três prostíbulos, sendo um localizado em Altamira e dois localizados em duas cidades adjacentes a UHE Belo Monte. Por fim, apresentar uma breve discussão teórica sobre aspectos que tratam a questão da prostituição e as relações de trabalho das profissionais do sexo no contexto da UHE Belo Monte.

Palavras-chaves: Prostituição. Prostíbulos. Grandes Projetos. Hidrelétrica Belo Monte.

ABSTRACT

This article is the result of the discussions developed in the discipline Classical and Contemporary Ethnographic Perspectives of the Postgraduate Program in Languages and Knowledge in the Amazon - PPGLSA, the main objective is to present an overview of the problematic that involves the issue of prostitution attracted by the installation of the Belo Monte HPP. In additionally, the present article also brings some of the data collected in the field through interviews during the months of September 2017 to July 2018 in three brothels around the plant. One of them located in Altamira and two other ones located in two cities adjacent to the Belo Monte HPP. Finally, It is presented a brief theoretical discussion on aspects that deal with the issue of prostitution, and the working relationships of sex workers in the context of the Belo Monte HPP.

Keywords: Prostitution. Brothels. Large Projects. Belo Monte Hydroelectric.

INTRODUÇÃO

Um estudo realizado pela Fundação Francesa *Scelles* em 2011, afirma que mais de 40 milhões de pessoas no mundo se prostituem, a maioria (75%) são mulheres com idades entre 13 e 25 anos. De acordo com a Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), calcula-se que o Brasil tenha cerca de 1,5 milhões de pessoas, entre homens e mulheres que vivem em situação de prostituição. A pesquisa revela que 28% das mulheres estão desempregadas e 55%

¹ Professor efetivo da Universidade Federal do Pará/ Campus de Altamira. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia da Universidade Federal do Pará. E-mail: figueiredoacp@hotmail.com

² Professor efetivo da Universidade Federal do Pará/ Campus de Bragança. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará. E-mail: luisjsaraiva@gmail.com

necessitam ganhar mais para ajudar no sustento da família. Segundo dados da FUMEC, 59% são arrimos de família e sustentam sozinhas os filhos, 45,6% tem o ensino fundamental e 24,3% não concluíram o Ensino Médio. Assim, apresentam um nível de escolaridade deficitário, o que significa que aproximadamente 70% dessas mulheres não têm outra profissão. Em pesquisa encomendada pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de Portugal, mostrou que as mulheres brasileiras que se prostituem em Portugal são maiores de idade, não têm registro nesta atividade no Brasil, possuem um curso médio ou superior, são caucasianas, prostituem-se por motivos financeiros e chegaram ao país por sua própria conta.

Em pesquisa do Departamento Nacional de Polícia Rodoviária Federal em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República realizada em 2013, o estado do Pará foi o segundo estado brasileiro com maior número de pontos de prostituição infantil nas estradas, de acordo com a pesquisa, na BR-230, a Transamazônica, que corta os municípios de Marabá, Altamira e Itaituba, alguns bares são considerados pela polícia locais comuns de prostituição infantil. Ônibus, caminhões e veículos pequenos são alvos frequentes de vistorias.

Ao estudar o fenômeno da prostituição em grandes projetos na Amazônia, precisamos levar em consideração em primeiro lugar, que a prostituição está dividida em nichos diferentes que agregam maior ou menor valor dependendo do tipo de exigência do mercado. Em nossa pesquisa de campo coletamos dados que ajudam a entender como o mercado do sexo funciona. Em entrevista com Maryjane ouvi o seguinte relato:

“Sabe professor, eu vi muita menina bonita aí fazendo programa, vi umas meninas de Goiânia que vieram aqui para Altamira e faturaram uma grana alta. Tudo branquinha, loirinha dos olhos verdes e azuis que tu nunca dizias que eram da vida. Um dia, eu fui para uma barca que uns caras chamaram em uma chácara no ramal dos cocos e quando cheguei lá vi essas cavalas. Mas não me intimidei pra elas não. Depois conversando com duas eu perguntei quanto elas cobraram e fiquei sabendo que elas tavam ali ganhando 1500 reais cada uma. O cara que me chamou pagou 500 reais para eu ir com outras meninas. O cara que agenciou a gente levou eu e mais duas colegas pagando 500 reais pra mim e pra minhas duas colegas. Ele levou mais essas duas que eu não conhecia pagando 1500 para cada uma dessas loiras. Tinha uns 12 homens para 05 mulheres darem conta. Passamos o dia trabalhando foram os 500 reais mais suados que já ganhei na minha vida. Não entro mais em barcas assim não. Como era longe e nem eu nem as minhas colegas podíamos sair de lá, tivemos que manter a nossa palavra. Foi uma barca furada, só não foi pior porque os caras caíram matando nas duas loiras que saíram de xiri roxo de tanta rolada que levaram (risos)”.

O valor de mercado do sexo feminino funciona com base de preço por características físicas, idade, procedência, escolaridade e tipo de programa que a mulher faz. Conforme a mulher vai se enquadrando nessas categorias o valor do programa torna-se mais caro ou mais

barato.

Segundo o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), nos espaços de construção das hidrelétricas, as mulheres são mais uma mercadoria de entretenimento para distração dos operários. Em um contexto de pobreza e miséria, a prostituição poder ser vista como uma forma mais abreviada para a suplantação dessa conjuntura, seja para as profissionais do sexo que exercem a atividade regulamentada, ou para as/os jovens exploradas/os sexualmente, conforme denunciam as entidades de defesa dos direitos infanto-juvenis da cidade de Altamira. Em minha pesquisa documental encontrei muitas reportagens que tratam inclusive do aliciamento de mulheres e adolescentes indígenas para a prostituição. Ao longo dos anos de 2010 até o início de 2016, O Ministério Público Federal no Pará (MPF/PA) investigou diversas denúncias de exploração sexual de mulheres e adolescentes na região das obras da usina Belo Monte, entre Altamira e Vitória do Xingu. MPF/PA (2013):

A Justiça Federal de Altamira (PA) decidiu acatar denúncia do Ministério Público Federal (MPF) contra seis pessoas acusadas de envolvimento com suposto esquema de exploração sexual de mulheres e adolescentes na região das obras da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, estado do Pará. O procedimento para apurar as denúncias decorrentes de duas operações policiais contra a exploração sexual, de agradas no dia 13 de fevereiro, foi instaurada na última sexta-feira (22), a pedido do MPF. A denúncia foi recebida pelo juiz federal Marcelo Honorato [...]. Durante as duas operações policiais, 15 mulheres e uma travesti provenientes de outros estados foram encontradas em condições que indicavam serem vítimas de exploração sexual. A ação policial teve início depois que uma menor de idade conseguiu fugir de uma boate da região e denunciou que vinha sendo mantida em cárcere privado e obrigada a se prostituir. A garota foi incluída no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte. [...] No total, 32 mulheres foram libertadas até agora. A investigação do MPF/PA vai apurar, ainda, a existência do crime de trabalho escravo, previsto no artigo 149 no Código Penal e de competência da Justiça Federal.

Muitas mulheres vieram com a promessa de salários de até R\$ 1 mil reais por dia trabalhado. Em uma entrevista, em campo, que fiz no dia dois de Setembro de 2017, ouvi o seguinte relato da profissional do sexo de trinta e nove anos que chamarei aqui de Safira:

“Olha meu filho, eu e duas menina vinhamos do Maranhão e chegamos aqui em Altamira lá pelo meu de 2012 pa trabaiar. Passemos por muita dificuldade pa chegar aqui. Tinha muito homem e ganhemos muito dinheiro só que quando os homens começaram a ir embora as coisas ficaram complicadas pa nós tudinho. As meninas que vieram comigo foram tudo embora também. Eu tô aqui ainda esperando esses homens que vem pa esse tal de Belo Sun”.

Percebemos pelas entrevistas que foram feitas com algumas profissionais do sexo, ao longo do mês de setembro de 2017 a julho de 2018 que permanecem nos prostíbulos remanescentes tanto em Altamira quando nas cidades adjacentes que a possibilidade de um

novo grande projeto ainda alimenta a esperança de dias melhores no que concerne a volume de trabalho e ganhos financeiros exponenciais. Hage (2011) afirma que a Amazônia apresenta como uma de suas características fundamentais a heterogeneidade, que se expressa nos aspectos ambientais, produtivos, culturais e isso suscita inúmeras questões a serem consideradas quando intencionamos: a produção e reprodução da existência das infinitas formas de vida que ela abriga; a convivialidade entre os sujeitos individuais e coletivos, entre os segmentos e classes sociais que nela habitam; a elaboração de políticas públicas que universalizem e assegurem os direitos humanos e sociais e afirmem as identidades culturais de suas populações; e o desenvolvimento com sustentabilidade desse território. Mas, o poder exercido pelo fluxo de recursos humanos e financeiros que um grande projeto na Amazônia como Belo Monte movimenta direta e indiretamente é enorme. De acordo com o Tribunal de Contas da União o valor da obra até novembro de 2017 estava na casa dos 30 bilhões de reais, o que mexe profundamente com questão de socioeconômicas em seus múltiplos aspectos. Mas, muito especialmente com as relações financeiras. Em entrevista com uma profissional do sexo chegada de Santarém (PA), que chamarei aqui de Citrina, de 23 anos, ela mora há três anos em Altamira, e diz que chegou a ganhar cinco mil por mês na cidade durante os anos de 2012 e 2015.

“Das 18 meninas que trabalham aqui, só duas é de Altamira. As outras quase todas veio da minha cidade. Eu mesma já rodei no Mato Grosso e no Ceará fazendo um dinheiro. Agora tô aqui e tô bem, mas isso aqui já foi muito melhor. Nunca fui trabalhar em garimpo, já ouvi muitas historias de meninas que trabalharam em garimpos e no primeiro fim de semana que comecei a trabalhar aqui, eu achei que era igual a um garimpo, com muitos homens vivendo para trabalhar sem mulher e sem família que nas horas de folga, procuravam as amiguinha para ter uma foda rápida e fácil”.

1. A INFLUÊNCIA DO GRANDE CAPITAL NO EIXO DA PROSTITUIÇÃO NA UHE BELO MONTE

A prostituição acompanha um movimento lógico dentro dos grandes projetos. Para melhor entender este movimento na Amazônia, em especial o projeto Belo Monte, em uma perspectiva teórica que integre a dimensão espacial, faz-se imprescindível discutir o paradigma tradicional que vê a prostituição como uma anomalia social condicionada e especialmente definida na prática da prostituição. Então, levantamos o seguinte questionamento: A prostituição em grandes projetos na Amazônia é uma escolha ou uma imposição socioeconômica?

Rodrigues (1979), que apresenta o corpo como um objeto cognitivo e afirma que, para compreendê-lo sociologicamente, é necessário apenas aplicar a ele a distinção que os sociólogos formulam entre os que chamamos aspectos instrumentais e os expressivos do comportamento humano. Decorrentes desses aspectos tem-se, respectivamente, a atividade instrumental do corpo, da qual se procura saber para que ele serve e a atividade expressiva, que é simbólica, à qual convém indagar o que está sendo dito. Nesse sentido, estudar a apropriação simbólica do corpo é estrategicamente importante para os cientistas sociais, uma vez que ele é, sem dúvida, o primeiro patrimônio que o homem possui. Entretanto, ainda segundo Rodrigues (1979), mesmo que o homem assuma seu corpo como “natural” e “universal”, a mais simples observação em torno dele poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é formatado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe social e por outros intervenientes sociais e culturais. Nesse mesmo sentido, o corpo pode ser tomado como um dado social que se expressa por códigos e símbolos:

O corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. Se considerarmos todas as modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito [...]. Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário dessas impressões-mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para se demonstrar, na superfície dos corpos, as profundezas da vida social (RODRIGUES, 1979, p. 62-63).

Amaral, Ferreira e Pereira (2010) explicam que em suas pesquisas, tanto empírica, quanto a teórica, mostraram a recorrência de justificativas que sustentam a premissa de que a prostituição é uma opção. Estas posições estão fortemente embasadas na concepção de que existem na sociedade outras alternativas para garantir o sustento além da prostituição. Assim, só depende da pessoa querer ou não encarar os pontos positivos e negativos de outras formas de trabalho. Amaral, Ferreira e Pereira (2010) ainda falam que as justificativas dadas pelas profissionais do sexo que reforçam a mesma ideia abandonam as condições objetivas de vida que influenciam no momento de fazerem as escolhas de vida. E, se opção é escolha, que implica vários fatores, entende-se, então, que a opção pode vir a se transformar em uma determinação social. Escolhemos duas entrevistas realizadas no prostíbulo chamado “Bar da Sol” no centro de Altamira e no prostíbulo chamado “Nefertiti” localizado na zona de saída e entrada da cidade de Altamira. Percebi no relato de duas profissionais do sexo uma falta tanto de alternativa quanto de perspectiva para saírem da prostituição. A profissional do sexo que chamarei aqui de Rubi de vinte nove anos vinda de Belém, e que mora em Altamira desde

2013, relatou em sua entrevista:

“Sabe chefe, eu cheguei aqui no auge dessa porra toda de Belo Monte. Eu tava sem grana na pior em Belém vivendo feito uma cachorra na casa de um e de outro de favor depois que sai fora da casa do meu pai. Eu tinha que dá de graça para uns caras que eu me meti na casa, e eles ainda queriam me tirar pra otária me colocando pra cozinhar, passar e lavar. Então, uma parceira minha veio pra cá pra Altamira é disse que tava ganhando uma grana boa aqui no puteiro e eu pensei! égua se for pra dá de graça, e ainda servir de empregada pra macho escroto, eu prefiro ganhar pra dá. Ai eu vim pra cá, e daqui não sai mais. Agora a vida tá de ruim pra pior aqui. Tô esperando o lance do Belo Sun chegar pra tentar levantar um real bom (...). A cagada toda é que eu não sei fazer nada. Só abrir as pernas mermo (risos)”.

Para Souza (2007), cada mulher relata motivos específicos para justificar sua prática: como o desejo de sair da casa dos pais, desemprego, urgência em manter terceiros, como filhos e pais, e até mesmo a buscar por um *ethus* social privilegiado. Molina e Kodato (2005), dizem que a crise econômica e social pelas quais passa uma enorme parcela das mulheres em nossa sociedade é um dos porquês cruciais para o ingresso na prostituição, e nesse espaço encontram uma possibilidade real de geração de renda suficiente e rápida. Essa escolha teria fortes influências a necessidade de sustentar a família, em virtude da auto responsabilização pela manutenção do grupo doméstico (o próprio, o dos filhos e de outros membros da família), e o baixo nível de escolarização, que dificulta sua inserção no mercado de trabalho. A principal causa da prostituição é unânime, entre as garotas que tive contato, é a falta de dinheiro dentro de um sistema de mercado cada vez mais competitivo, exigindo muito mais em termos de instrução, idade, aparência física, experiência na função entre outros atributos para o preenchimento de uma vaga de emprego. Amaral, Ferreira e Pereira (2010) afirmam:

Pode-se dizer que uma parte da sociedade brasileira analisa a prostituição como uma escolha feita por homens e mulheres para ganhar “dinheiro fácil”. O que se questiona então é: Será mesmo esta escolha o modo mais fácil de ganhar dinheiro? Por um lado, a prostituição não oferece barreiras intelectuais, físicas e financeiras, ou seja, não é necessário nenhum pré-requisito para se prostituir. Tudo o que é preciso saber pode-se aprender na prática. Assim como está escrito nas páginas do livro *Meninas da noite*, de Gilberto Dimenstein (1992:18): “Elas não têm nada para vender. Não sabem ler, cozinhar, escrever. Só podem vender o único bem que possuem: o corpo” (AMARAL, FERREIRA E PEREIRA, 2010, p. 02).

Ao entrevistar, Esmeralda ouvi o seguinte relato que corrobora com a constatação feita por Amaral, Ferreira e Pereira (2010):

“(...) pra tentar se empregar hoje em dia, tú tem que ter estudo e experiência... é quem vai dar um trampo para uma mulher que não tem experiência em nada além de fude? No puteiro não tem esse lance de estudo e experiência a gente ganha muito mais do que uma balconista de farmácia, babá, caixa de supermercado e empregadinha doméstica...”.

Em entrevista feita com a segunda profissional do sexo vinda da cidade de Belém-Pa, realizada no dia 02 de dezembro de 2017 na cidade de Altamira, que aqui chamarei de Ágata. Ouvi o seguinte relato:

“Velho, eu sinto falta pra caralho de Belém. Eu vareei aqui porque tava precisando valendo ganhar um real melhor. Eu nunca que vinha morar em um fim de mundo desse aqui se não fosse pela grana. Égua, perdi as contas das vezes que chorei aqui nessa porra. Mas tenho fé em Deus que vou pegar o beco. Ainda dá pra levantar uma mixaria boa aqui. Muitas colegas minhas já vararam pra outros puteiros na vila do Conde que tem muito gringo que chega nos navios de carga. Mas eu ainda tô apostando nesse Belo Sun que vai movimentar essa porra toda, e eu vou ganhar uma grana firme pra mim volta pra Belém por cima”.

Ao fim da entrevista com Ágata lembrei as palavras de Certeau (1994) que afirma:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 1994, p. 189).

Coelho (2010) vê a desconstrução do fenômeno da prostituição sendo tanto idealizada quanto operacionalizada a dois níveis. O primeiro fica em nível do seu exercício e o segundo nível, o seu abandono. Quanto ao exercício não foi de sobremaneira enfatizada a visão de caos que serve para explicar a imprevidência ou a ingenuidade de percursos de vida, mas sim o exercício da prostituição como uma opção de vida ou de trabalho assumida por pessoas que ao invés de escolherem outras formas de sustento que poderiam estar ao seu alcance, optaram temporariamente ou não pela prostituição como forma de vida em tempo integral, parcial ou ocasional. Tratando a questão do abandono das práticas meretrícias como uma opção puramente pessoal que pode ser influenciada por um conjunto de fatores onde se incluem os de status social, religião, saúde e segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da prostituição ligada ao trabalho não é um tema novo nas discussões sociais no mundo e muito menos no Brasil. Sabe-se que as relações *trabalho & corpo* se tornaram práticas frequentes nos espaços onde o capital se faz presente, principalmente quando esses meios envolvem uma “avalanche” de movimentação financeira.

O caso de Belo Monte, no sudoeste do Pará, enfrentou uma significativa mudança no seu cenário social devido a presença de muitos imigrantes de várias regiões do Brasil, pessoas

de diferentes formas de comportamento, formação profissional e classe social. Nesta configuração, tornou-se inevitável a chegada de serviços de toda natureza para a região, ocasionando um colapso nos municípios que receberam esse fluxo significativo de pessoas.

Assim, compreender essas relações de sexo, entretenimento, poder e relações laborais é um desafio para a pesquisa etnográfica, pois ilustramos exemplos aqui neste artigo de como o capital nos grandes projetos da Amazônia atua tanto para atrair o fluxo de profissionais do sexo quando para deslocá-lo para outros nichos. Thomaz (2009) pontua que além de permitir também alterar a dinâmica territorial do trabalho em escala nacional e regional, sendo que os lugares onde tais obras ocorrem e/ou em suas áreas de influência há a construção de outras práticas espaciais que permitem uma compreensão das particularidades espaciais desses processos que mantêm totalidades difíceis de serem percebidas e analisadas. Assim, a escolha ou imposição social passa por uma questão ainda muito pessoal da maioria dos indivíduos que adentra nas práticas meretrícias.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S.G.P, FERREIRA, I.B. & PEREIRA, M.C. **Prostituição: opção ou determinação social?**. PUC-SP, Campus Monte Alegre. 2010

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 9. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COELHO, A.F.F. **Prostituição: A Desconstrução dos seus Anátemas**, Dissertação do programa de Pós-graduação em service social do Instituto Superior Miguel Torga-Coimbra, 2010

GIRALDIN, R. M. **Notas para os estudos de trabalhadores de barragens: um retrato de Belo Monte e Altamira no início de 2014**. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília – DF – Brasil. 2014.

HAGE, Salomão, **interculturalidade, fraternidade e comunhão: referências para a sustentabilidade na Amazônia**. Revista NERA n.18 (14). 2011.

LEITE LOPES, J. S. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. Brasília: Ed. da UnB, 1988. 623 p.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. CBO – Classificação Brasileira de Ocupações, 2002a. Menu da Família. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>>. Acesso em: Set. 2017.

MOLINA, A. M. R., & KODATO, S. (2005) **Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes**. *Temas em Psicologia*, 13(1), 09-17.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em**

são Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SILVA, ROGÉRIO ARAÚJO DA. **Prostituição feminina em Goiânia**: entendendo contextos identitários. SOCIEDADE E CULTURA, V. 8, N. 1, JAN./JUN. 2005, P. 83-96

SOUZA, F. R. **Saberes da vida na noite**: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. (2007).

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI**: Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos. Presidente Prudente: [S.n], 2009. Volumes I e II. Originalmente apresentada como Tese de Livre Docência, UNESP, Presidente Prudente, 2009.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Super Faturamento em Belo Monte 2017. Disponível em: << <http://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/tcu-identifica-superfaturamento-de-r-3-2-bilhoes-em-belo-monte.htm>>>. Acesso em 02 de janeiro de 2017.

TUDE DE SOUZA, Angela. **As políticas de gestão da força de trabalho e as condições de vida do trabalhador das obras barrageiras**. Travessia. São Paulo, p. 25-28. jan./abr. 1988.